

História da Medicina: Para que serve. Qual sua finalidade

History of Medicine:

What is it for.

What is your purpose

Carlos Alberto Basílio de Oliveira

Professor Emérito. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Professor Titular. Anatomia Patológica. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Membro Titular da Academia Nacional de Medicina

Correspondência

Carlos Alberto Basílio de Oliveira

Hospital Universitário Gaffrée e Guinle

Departamento de Patologia

Disciplina de Anatomia Patológica

Rua Mariz e Barros, 775 - Maracanã

Rio de Janeiro - RJ CEP: 20270-901

E-mail: basiliopatologia@br.inter.net

“Nada sabe de sua arte aquele que lhe desconhece a história.”

Goethe

A História tem suas origens remotas nas cronologias da Mesopotâmia e do Egito, nos relatos da Bíblia e nas Histórias de Heródoto (484-425 a.C.), o "Pai da História". Heródoto foi o primeiro a usar a palavra "história" no sentido de pesquisa e relatório ou exposição dessa pesquisa.

A disciplina História, tratada a princípio como história universal, foi dividida por assuntos, em virtude do acúmulo de conhecimentos. A medicina, por sua importância e interesse, despertou a atenção do próprio Heródoto e de Hipócrates. A História da Medicina é a reconstituição do passado da ciência médica. É tão antiga quanto as artes de Asclépio, deus da Medicina, e de Clio, musa da História. Suas raízes estão no século de Péricles (século V a.C.), que viu nascerem a História de Heródoto e a Medicina de Hipócrates. Da própria Coleção Hipocrática, uma das raras obras científicas do período pré-socrático conservada, consta a primeira obra escrita sobre História da Medicina, intitulada "Da Medicina Antiga", onde afirma: "na arte médica é fundamental o princípio de que as conquistas, que constituem o patrimônio do passado, devem servir de base às investigações do presente".

A seguir, Hipócrates traça a origem e a evolução da medicina a partir da evolução da alimentação humana. O nascimento da medicina se confunde com a descoberta do regime alimentar. É o desenvolvimento sobre o conhecimento dos alimentos adaptado aos diferentes tipos de

doenças que marca o início da medicina propriamente dita. A medicina primitiva seria, portanto, uma espécie de culinária aplicada a cada tipo de condição patológica. Desta forma, em conformidade com o pensamento de Hipócrates, coloca-se a medicina em bases racionais e se atribui aos homens, e não aos deuses, o conhecimento inicial sobre a história natural das doenças.

Durante o período clássico (Grécia Clássica e Império Romano) e por meio de Galeno (130-200), a medicina continuou a se basear em Hipócrates. A autoridade de Hipócrates e a de Galeno durante muitos séculos foram dominantes no âmbito da medicina.

No século XIX, os historiadores adotaram amplamente o conceito de que o desenvolvimento da sociedade sofre influência de seu contexto material e cultural, que dá aos fatos históricos sua base comum, sua continuidade e sua coerência. Cabe ao historiador registrar os fatos e interpretá-los. A História passa a ser definida como o registro dos fatos e as ideias dos historiadores sobre eles e entendida como a ciência dos homens no tempo, sendo importante o presente para a compreensão do passado e vice-versa. O conhecimento do passado é coisa em progresso, que se transforma e se aperfeiçoa. A História, feita de fatos e interpretação destes, é transitória, pois novos fatos são acrescentados e a interpretação muda. Por tal motivo, não existe

a história definitiva. Define-se a História como "um processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo sem fim entre o presente e o passado".

Ao mesmo tempo, o campo dos estudos históricos alargou-se consideravelmente. A História não se limitava apenas ao estudo das disputas dinásticas, das guerras e dos tratados de paz. Ela tornou-se a história da civilização, a história do homem em sua luta para adaptar-se ao mundo.

Na segunda metade do século XIX, a História da Medicina tornou-se uma disciplina crítica, com a colaboração interdisciplinar de historiadores, filologistas, filósofos e médicos. Os problemas médicos passam a ser vistos de forma dinâmica e como resultado das ideias e instituições geradas pela estrutura material e cultural de dado período. Assim, as teorias médicas que norteiam a prática profissional são vistas como aspecto do conhecimento geral de determinado período, como produtos da influência da concepção filosófica predominante. O estudo da gênese e da evolução das doutrinas médicas é, por assim dizer, a filosofia da História da Medicina.

A interpretação das teorias médicas como produto de seu tempo permite compreender: a interpretação da doença como fenômeno sobrenatural e o caráter mágico-religioso da medicina arcaica (Mesopotâmia e Egito) determinados pela concepção mítica do mundo; a interpretação da doença em termos de causas naturais

racionalmente inteligíveis pelos médicos gregos como consequência da abordagem racional do mundo pelos filósofos jônicos; o pensamento teológico dos médicos medievais derivado da filosofia escolástica; a significação do movimento anatômico (Vesalius, Da Vinci) durante a Renascença (1453-1600) como consequência do nascer de novo da arte e da cultura da Grécia Clássica; a medicina baseada nas ciências naturais, que se desenvolve com o nascimento da ciência moderna no século XVII; a medicina classificatória (classificação das doenças a partir dos sintomas) do século XVIII como consequência da forma de organização do conhecimento científico determinada pelo racionalismo cartesiano; e a concepção anatomoclínica (Morgagni, 1682-1771; Bichat, 1771-1802) da medicina moderna consequente ao empirismo e ao positivismo do século XIX. A criação da patologia celular (1855), por Rudolf Virchow (1821-1902) e até mesmo da descoberta dos raios X, em 1895, por Wilhelm Conrad Röntgen (1845 - 1923), que mereceu o Prêmio Nobel de Física (1901).

Sob a influência desta última corrente, ocorreu na primeira metade do século XX, principalmente na Alemanha, com Sudhoff (1853 - 1938), grande avanço nos estudos da História da Medicina. Sudhoff criou a Cátedra de História da Medicina e fundou o primeiro Instituto de História da Medicina, transformando Leipzig no grande centro de estudo desta disciplina.

Este renascimento da ciência da História da Medicina na Alemanha irradiou-se com a criação da disciplina nas universidades da Europa e da América. Em nosso meio sobressaem os nomes de Ivolino de Vasconcellos (1917-1995), Pedro Salles (1904-1998), Lycurgo Santos Filho (1910 - 1998), Carlos da Silva Lacaz (1915-2002) e Joffre Marcondes de Rezende (1921 - 2015) e continua com a provocação de Sebastião Gusmão sobre a influência de necessário conhecimento da História da Medicina para constituir disciplina fundamental à cultura e completa formação da mentalidade médica.

Estas considerações sobre a História seriam aplicáveis também à História da Medicina. Esta é, antes de tudo, medicina, uma disciplina da História. Mas seria um erro pensar que ela é de interesse apenas para historiadores, e não para médicos. História da Medicina é também medicina, uma forma de abordagem para compreender melhor a própria medicina. É do conhecimento comum que um dos melhores métodos de expor um assunto é o método histórico. Abordar uma questão a partir do momento em que ela nasce, compreendendo as circunstâncias que a originaram, seguir sua evolução, conhecer os fatos e as razões que apoiam ou contradizem as diversas teorias, que sobre ela foram emitidas, é uma ótima maneira de compreender a questão. Como afirmou Aristóteles (384-322 a.C.), entendem-se

melhor as coisas e os conceitos quando se tem uma visão clara de como se formaram.

Afirmar a importância da História da Medicina é afirmar a importância da própria medicina. A imagem que o médico tem do passado de sua profissão influencia seu pensamento e, portanto, sua ação. Um médico sem nenhum conhecimento de História da Medicina pode tratar com sucesso seu paciente. Entretanto, quando sua ação é dirigida a um grupo de indivíduos, ou quando esta ação deve ultrapassar a simples interferência técnica na biologia de um indivíduo, ele necessitará de conhecimentos históricos. O sucesso de sua ação poderá depender da correta apreciação dos fatores sociais, econômicos, religiosos e filosóficos que determinam a situação. Esta apreciação pode ser adquirida somente como resultado de análise histórica. Ver a história das epidemias que ocorreram nos séculos passados e as que nos atormentam em dias atuais.

A História da Medicina mostra como o conceito de uma enfermidade, sua etiologia e seu tratamento, prevalentes em um momento dado, podem ser substituídos por outros melhores. Esta noção da transitoriedade da verdade científica educará o médico no espírito independente e crítico, tornando-o preparado para assimilar as mudanças, as novas verdades que na medicina ou na sociedade se desenvolvem.

A História da Medicina, em sua tríade conceitual – histórica, filosófica e ética –

está repleta de situações e decisões que marcaram nossa história. Uma delas, que envolve questão clínico-cirúrgica, com fundamental princípio fisiopatológico, pode ser retratada como legítimo exemplo de acontecimento real que passou para a História da Medicina.

A partida para se discorrer sobre a história do hiperparatireoidismo foi a primeira cirurgia com sucesso para excisão de um tumor de paratireoide realizada por Felix Mandl, no dia 30 de julho de 1925, em Viena, na clínica do professor Anton von Eiselsberg, famoso discípulo de Billroth. Nesta época ainda prevalecia o conceito de que a doença descrita por von Recklinghausen, a conhecida osteíte fibrosa cística, levaria ao aumento da paratireoide, sendo considerado fenômeno compensatório, necessário para manter a homeostase metabólica.

Albert, condutor de bonde, com 38 anos de idade, paciente de Mandl, teria participado do exército austríaco durante a Primeira Guerra Mundial, se não tivesse sido dispensado por contrair tuberculose. Em 1921 foi internado por dores nos pés e nas pernas. Um exame radiológico, feito em 1923, mostrou que seus ossos estavam transparentes e com vários cistos que se faziam acompanhar de acentuada fibrose. O diagnóstico, então, ficou fechado – doença óssea de von Recklinghausen. Estabeleceu-se neste momento a necessidade de uma decisão: o que tratar primeiro – a doença óssea ou o tumor cervical que seria

o adenoma de paratireoide, considerado, à época, decorrência funcional.

Em 1924, Albert teve fratura do osso da perna. Foi notado também que sua urina continha um forte precipitado brancacento. O cirurgião vienense permanecia fiel ao conceito de que a doença óssea seria a condição primária e a neoplasia da paratireoide traduziria reflexo da condição patológica do esqueleto. Mandl chegou ao extremo de transplantar para Albert quatro glândulas paratireoides removidas de um homem que havia morrido de acidente automobilístico, ocorrido em Viena, com parada cardíaca comprovada.

Algum tempo depois, as condições clínicas do paciente tornaram-se mais críticas. Antes do final de julho daquele ano, Felix Mandl estava decidido a retirar o tumor da paratireoide. Submetido à cirurgia da lesão adenomatosa, os resultados foram extraordinários e inacreditáveis. Em uma semana, os precipitados urinários não mais existiam, com o desaparecimento das dores ósseas. Dentro de três meses o paciente voltou a caminhar e o exame radiológico mostrou alguma evidência de recalcificação do esqueleto. O enigma fisiopatológico havia sido resolvido. Ironicamente, o estado geral de Albert não favorecia a plena recuperação clínica pela extensão e gravidade do desequilíbrio metabólico. A lesão óssea avançada e a litíase renal eram muito intensas. Chegou-se a realizar em 1932

uma segunda exploração cirúrgica do lado oposto do pescoço, que nada acrescentou de importante.

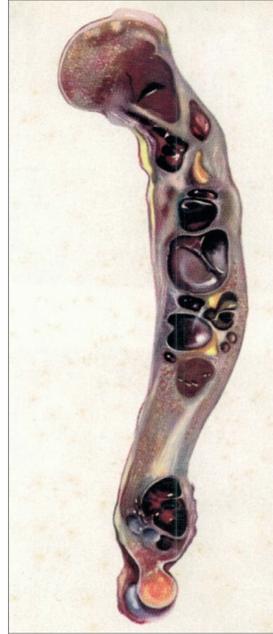
Deve-se destacar a atividade desenvolvida por Felix Mandl, no campo da pesquisa clínica e, principalmente, cirúrgica, quando diante da afirmativa de von Recklinghausen (1885) como professor catedrático de Anatomia Patológica, da Universidade de Viena, em uma época que pouco ou nada se modificava diante do célebre aforisma “Magister dixit” anunciada por eminente figura no campo da Patologia. Este fato remonta, em termos, para a epopeia bíblica da vitória de David sobre Goliath. Deixou um legado, com o compromisso de honrar a pesquisa científica, ao encerrar brilhante capítulo nas páginas da cirurgia endócrina.

Estamos diante, portanto, de fato histórico, de condição verídica, empregada pelo sentido de vida, por meio de façanha médica heroica, ao fazer considerar a necessidade de maior observação clínica, sem conclusões tão imediatas, de fácil definição anatomoclínica. Essa situação no contexto médico mostra que devemos exigir maior rigor científico ao firmar uma sentença patológica e sua consequente programação fisiopatológica, embora se reconheça que o período do conhecimento médico na ocasião estava mais voltado para a valorização das manifestações ósseas, no universo das condições patológicas do esqueleto.

HISTÓRIA DO HIPERPARATIREOIDISMO



Alterações ósseas no Hiperparatireoidismo Primário. Esta ilustração foi apresentada no trabalho original de von Recklinghausen em 1891. As ilustrações esqueléticas mostram múltiplas deformidades de fraturas, as expansões císticas dos ossos das extremidades e da coluna vertebral, ao lado de deformidades torácicas (ilustração colhida do Oxford Loose-Leaf Medicine 4:502, 30-11, Oxford, 1950).



Observa-se em corte sagital do úmero direito de paciente com hiperparatireoidismo primário, osso grandemente deformado. Sofreu várias fraturas. O parênquima mostra-se substituído em grande parte por várias expansões císticas. Os cistos são ocupados por fluido acastanhado ou por material gelatinoso rico em osteoclastos. Presença de tumor marrom de células gigantes são descritos. (Hunter, D., e Turnbull H. M.: Hyperparathyroidism, Brit. J. Surg. 19:203, 1931).

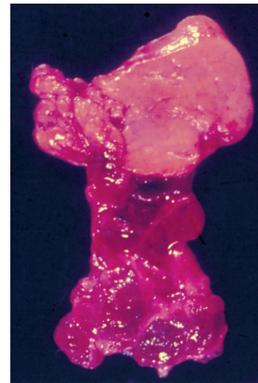
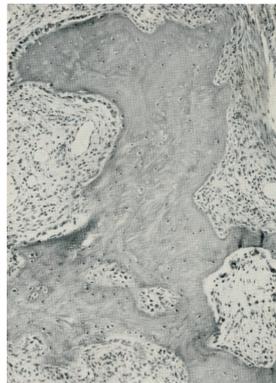


Friedrich Daniel von Recklinghausen. Nasceu em dezembro de 1833 em Westfalen. Descreveu, além da osteíte fibrosa cística, a clássica hemocromatose. Explicou o método de impregnação pela prata. Faleceu em agosto de 1910 em Strasbourg.



Felix Mandl (1898 – 1957) Fez a primeira paratireoidectomia documentada em 1925. Foi professor de cirurgia geral e endócrina no Departamento de Cirurgia no Frenz-Joseph-Spital, Viena, na Áustria.

Estudo microscópico do parênquima ósseo em área muito próxima de um tumor marrom. Mostra quadro morfológico com proliferação de fibroblastos nos espaços medulares, ao substituir o tecido hematopoiético, ao lado de plena atividade osteolítica e osteoblástica com disposição em paliçada. Observa-se nítida camada de osteoblastos em torno de lacunas císticas que abrigam vários osteoclastos, que aceleram a destruição das traves ósseas (H.E. x 100). A calcitonina, ao contrário, promove a absorção do cálcio pelo sistema esquelético e inibe a reabsorção do osso pelos osteoclastos.



Adenoma de células principais da paratireoide. A retirada cirúrgica da lesão se faz acompanhar de parênquima tireoideo aderido, conforme clássico procedimento cirúrgico, pela possibilidade de haver penetração de tecido tumoral no território da tireoide, além de permitir ao patologista verificar a hiperplasia difusa de células “C” produtora de calcitonina, em resposta ao aumento de cálcio na circulação pelo excesso de paratormônio circulante produzido por neoplasia da paratireoide.